

Telmo Nunes lança livro “O Lugar da Trindade e Outras Narrativas”

“A literatura açoriana está muito bem e recomenda-se!”

Telmo Rodrigo Nunes é um açoriano de coração nascido em Paços de Ferreira, em 1980.

Formou-se em Português e Inglês e tem lecionado essas áreas em diversas escolas e diferentes níveis de ensino.

Em 2003, mudou-se para a ilha de São Miguel, onde trabalha e reside.

Escreve por gosto e tem obra dispersa pela imprensa regional açoriana e continental.

Integra antologias poéticas e antologias de contos, é autor das obras “Reflexões de Uma Quase Vida”, (Menção Honrosa no «Prémio Literário Gaspar Frutuoso», atribuído pela Câmara Municipal da Ribeira Grande), em 2009 e da novela “Inês A Dualidade de Uma Vida”, em 2012.

Apresenta, no próximo de 9 de fevereiro, na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, o seu mais recente trabalho, “O Lugar da Trindade e Outras Narrativas”.

A apresentação ficará a cargo de Pedro Gomes.

O “Diário dos Açores” conversou com Telmo Nunes sobre a sua nova obra.

Finalmente o Telmo responde ao desafio que lhe foi lançado e publica este “O Lugar da Trindade e Outras Narrativas”. De que se trata?

Este é um livro de memória. O lugar da Trindade sendo um espaço real, no meu concelho de nascença (Paços de Ferreira), é também um lugar ficcional, inspirado no recorte costeiro da zona das Feteiras, Candelária e Ginetes, aqui na ilha de São Miguel.

É o nome da última narrativa que escrevi e, coincidentemente, é a que empresta nome ao livro.

Adotei-o como chão de algumas das vivências que quis aqui realçar. Uma coincidência feliz.

Neste “O Lugar da Trindade e Outras Narrativas” procura-se resgatar do esquecimento algumas memórias destes meus vinte anos insulares, assim como outras que marcaram o meu desenvolvimento pessoal e social.

Tendo nascido no início da década de oitenta, pertencço àquela geração marcada pelo flagelo da droga, sendo que, infelizmente, ela surripou-me alguns dos meus amigos e muitos conhecidos, por isso, este é um assunto que me acompanha com alguma regularidade.

Todavia, interessa-me também a questão da violência doméstica, do álcool, da emigração, especialmente a ocorrida em meados do século passado, as vivências arquipelágicas durante a vigência do Estado Novo, a Guerra



do Ultramar, enfim, nas dez narrativas que constituem este livro há espaço para muitos dos meus interesses e preocupações.

O Telmo é conhecido na imprensa como crítico de obras que se vão publicando. Agora é ao contrário. Aparece como autor. O que é mais difícil?

Tenho alguma dificuldade em considerar os comentários aos livros que vou lendo como crítica literária. Serão antes meras opiniões decorrentes da leitura.

Ao ler vou tomando notas e, no final, se assim me aprouver, escrevo sobre o que li. Nesse sentido, é claramente mais fácil escrever sobre os textos dos outros, porque é algo que nasce e cresce espontaneamente com o decorrer do ato de leitura. Já o processo de escrita criativa é algo mais lento, que vai maturando e carece de uma outra atenção e sensibilidade.

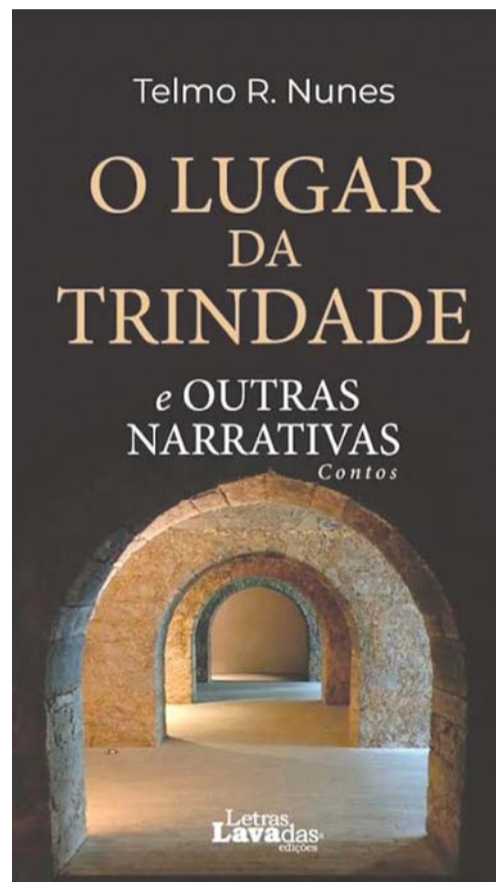
Ser professor ajuda à narração? É mais fácil escolher o género ou ele está intrínseco na sua personalidade?

Ajuda, mas não determina. Não me vejo a lecionar da forma que escrevo, nem a escrever da forma que trabalho a produção escrita com os meus alunos.

É fundamental conhecer a língua formalmente: os diferentes modos de expressão, os recursos disponíveis, as estratégias narrativas, mas a liberdade criativa não se quer agrilhoada.

A opção pela narrativa curta foi propositada. Quis deliberadamente experimentá-la, por ser de difícil execução.

Como nos adiantava Cortázar nas



suas aulas de Literatura, em Berkley, se encarmos o filme como o romance, teremos de considerar o conto como a fotografia. Irrefutável!

E deste paralelismo surge-me a absoluta certeza de que ainda estou longe, bem longe da veleidade de me tornar no próximo Stieglitz ou Sebastião Salgado, mas, pelo menos, já iniciei o percurso.

O que se seguirá? Mais projetos?

Eu escrevo porque gosto de contar histórias, gosto de partilhar vivências mesclando-as com a componente ficcional. Creio que esse gosto decorre do gosto pela leitura.

Tive a sorte de nascer no seio de uma família onde sempre se leu muito, onde sempre houve muitos livros e onde sempre se escreveu com regularidade. Certamente, terá sido por imitação que terei desenvolvido esse gosto.

Há, no entanto, que praticar que aperfeiçoar e isso faz-se lendo e escrevendo. É um processo contínuo.

Assim, já iniciei a redação do que poderá ser o próximo conjunto de contos, mas, confesso, estou expectante para perceber a reação dos leitores a este “O Lugar da Trindade e Outras Narrativas”.

Tenho pronto um outro projeto de natureza substancialmente diferente deste, mas que também me deu especial gozo escrever. A seu tempo verá a luz dos escaparates.

Depois, espero poder continuar a fazer o que tenho feito até aqui: participações coletivas, prefácios, adaptações para o ensino, os comentários sobre leituras, entre outros.

Quais são as suas principais refe-

rências literárias?

Amplamente, acredito que à literatura (e à arte em geral) se deve reservar um papel basilar.

Gosto daquela que é capaz de retratar uma sociedade, assumindo ao mesmo tempo um compromisso sociopolítico, denunciando injustiças e apontando caminhos alternativos, contribuindo, dessa forma, para o seu desenvolvimento progressivo e harmonioso, ainda que o possa fazer pela crítica velada ou não e/ou pela ironia, por exemplo.

Dito assim, talvez me aproximem do realismo ou mesmo do neorealismo, mas, em boa verdade, não é a catalogação que me move, muito menos as tendências políticas que possam chegar acopladas.

Acredito, antes de tudo o resto, numa boa história, assente na verossimilidade de um tempo e de um espaço e servida por personagens fortes e creíveis.

Tem-se ocupado com a literatura açoriana. Como vê o seu estado atual?

A literatura açoriana está muito bem e recomenda-se!

As editoras têm acreditado – e bem – no potencial destas pessoas e a verdade é que têm surgido autores de qualidade reconhecida, sendo que outros têm sabido consolidar eficazmente a sua carreira literária, lado-a-lado com aqueles outros que, pelo que já fizeram, dispensam quaisquer palavras.

Autores como Joel Neto, Paula de Sousa Lima, Leonardo, Maria João Ruivo, João Pedro Porto, Maria Brandão, Pedro Almeida Maia, Leonor Sampaio Silva, Henrique Levy e tantos outros têm vindo a apresentar trabalhos muito interessantes, e que nos deixam a garantia da tal “continuidade” que o Poeta e Professor Eduíno de Jesus garante ser indispensável à existência de uma literatura açoriana.

Temos vivido um dinamismo editorial muito interessante, apoiado em projetos bem inovadores e temos conseguido promover a literatura açoriana em diversos eventos espalhados pelo arquipélago.

Há, todavia, dois vértices que, infelizmente, ainda carecem de alguma atenção: a promoção da literatura açoriana e dos seus respetivos autores no seio da comunidade escolar, aliás, é bem urgente esta aposta por parte da Secretaria Regional de Educação e dos Assuntos Culturais, e a difusão continuada das literaturas insulares em território continental.

Chega agora este “O Lugar da Trindade e Outras Narrativas”, que, certamente, terá o seu lugar no seio das obras que sustentam esta a que chamamos de literatura açoriana.